

## Museus, cultura e arte populares no mundo contemporâneo

Nos últimos anos é possível notar um renovado interesse pelas relações entre os museus e o campo das chamadas culturas e artes populares. Ciclos de debates e estudos têm sido realizados agregando pesquisadores de diversas áreas e com variados enfoques. De fato, a literatura recente sobre o tema oferece instigantes reflexões sobre as formas como as chamadas culturas e artes populares vêm sendo musealizadas e as implicações destes processos.

Os textos reunidos no dossiê MUSEUS, CULTURAS E ARTES POPULARES são uma amostragem sobre um amplo universo de questões que se tornaram candentes em mundo marcado pela instabilidade de categorias como tempo/espaço e cada vez mais obcecado pela construção de memórias, passados, identidades. Neste cenário, os diálogos e tensões dos processos de colecionamento, musealização e patrimonialização ganharam força entre grupos, agências civis e governamentais e despertaram a atenção quanto à necessidade de reflexão sobre os mesmos. Estas são algumas das questões que o conjunto de textos aqui reunidos procura elucidar.

O artigo de Marta Heloisa Salum propõe a contextualização, atualização e ampliação da análise de alguns exemplares de escultura em madeira referentes aos cultos afro-brasileiros conservados em museus e acervos públicos, anteriormente estudados por Marianno Carneiro da Cunha quando este discerniu o que seriam elementos estilístico-morfológicos de uma *tradição escultórica nagô-yorubá* no Brasil. A partir de revisão bibliográfica e da análise de outros exemplares escultóricos, a autora reexamina a questão dos processos de refluxo Brasil-África no campo da escultura artística.

O processo de tombamento da coleção de Magia Negra do Museu da Polícia Civil do Rio de Janeiro é o ponto de partida de Alexandre Corrêa em uma análise sobre os diferentes olhares e sentidos atribuídos àquele conjunto de objetos que suscita questionamentos sobre a construção de um imaginário nacional e o pensamento social de modo amplo.

As relações entre devotos, suas crenças e objetos de culto são o cerne da análise de Andreia Paiva. A partir de etnografia realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, no centro do Rio de Janeiro, espaço que abriga, entre outros, o Museu do Negro, a autora aborda as diferentes construções de significado atribuídas a objetos e coleções quando expostos em espaços distintos como

a igreja, o museu e as festividades. A partir da categoria nativa do ‘trançado’ Andreia Paiva identifica – e desnaturaliza – nos deslocamentos e exposições de objetos, a elaboração de narrativas e tensões sobre categorias como fé, devoção, pluralidade religiosa, memória e patrimônio.

O trânsito de uma boneca gigante de carnaval chamada Mamãe entre distintos circuitos culturais na cidade de Maceió é o foco de análise de Daniel Reis. A partir de etnografias no Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, da Universidade Federal de Alagoas, o autor identificou que a boneca é o elemento que coloca em ação diferentes grupos sociais reunidos em torno de um bloco carnavalesco, o universo teatral e o próprio museu. Entre museu e carnaval, o objeto eleito coloca em debate a construção de diferentes narrativas sobre culturas populares e “alagoanidade”.

A experiência de intervenção realizada na Casa do Artesanato Municipal de Apiaí, no Vale do Ribeira/SP entre 2002-2003 é o foco das reflexões de Guacira Waldeck. A autora descreve como a apropriação do processo de remodelação de um espaço, por meio de um projeto desenvolvido como parte das atividades do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular em parceria com o Programa Artesanato Solidário, propiciou a incorporação local da categoria “museu” a uma de suas salas. A partir daí desencadeou-se um processo de monumentalização das memórias e narrativas locais vistas no “Museu Sala das Mestras” caminhando em paralelo com a produção e comercialização cotidiana realizadas em outros espaços da Casa. Ao mesmo tempo a autora explora como foi sendo construída a categoria “ceramista” para um conjunto de mulheres que, durante longo tempo, denominavam o que faziam como “o trabalho no barro”.

As interações entre as artes contemporâneas e populares são analisadas por Emerson Dionísio Oliveira a partir de um olhar sobre a gestão dos acervos do Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso e outras instituições museológicas do Centro Oeste. O autor apresenta um quadro de diálogos e negociações em torno da busca por legitimação e emancipação artística local, configurado a partir de uma arena de negociação que envolve os agentes culturais locais e os valores artísticos e patrimoniais externos, o que resultou em uma mudança da cena artística na região.

Por fim, o artigo de Nina Vincent analisa algumas propostas curatoriais do Museu do Quai Branly. Em uma instituição cuja criação e propósitos são marcados por uma série de controvérsias que remetem a questões como a história da antropologia, a formação dos acervos etnográficos, o contexto pós-colonial e a configuração de uma denomina-

da “arte primitiva”, a autora chama a atenção para a importância dada à contextualização das maneiras de exhibir os objetos e aborda como os sentidos atribuídos aos objetos e a relação entre eles e o visitante são mediadas pelas estéticas expográficas.

O dossiê “Museus, culturas e artes populares” reúne assim, um conjunto de textos que nos levam à reflexão, desafiam certezas, indicam caminhos novos para pensar as artes e as culturas.

**Daniel Reis** [editor convidado] e **Ricardo Gomes Lima** [co-editor]